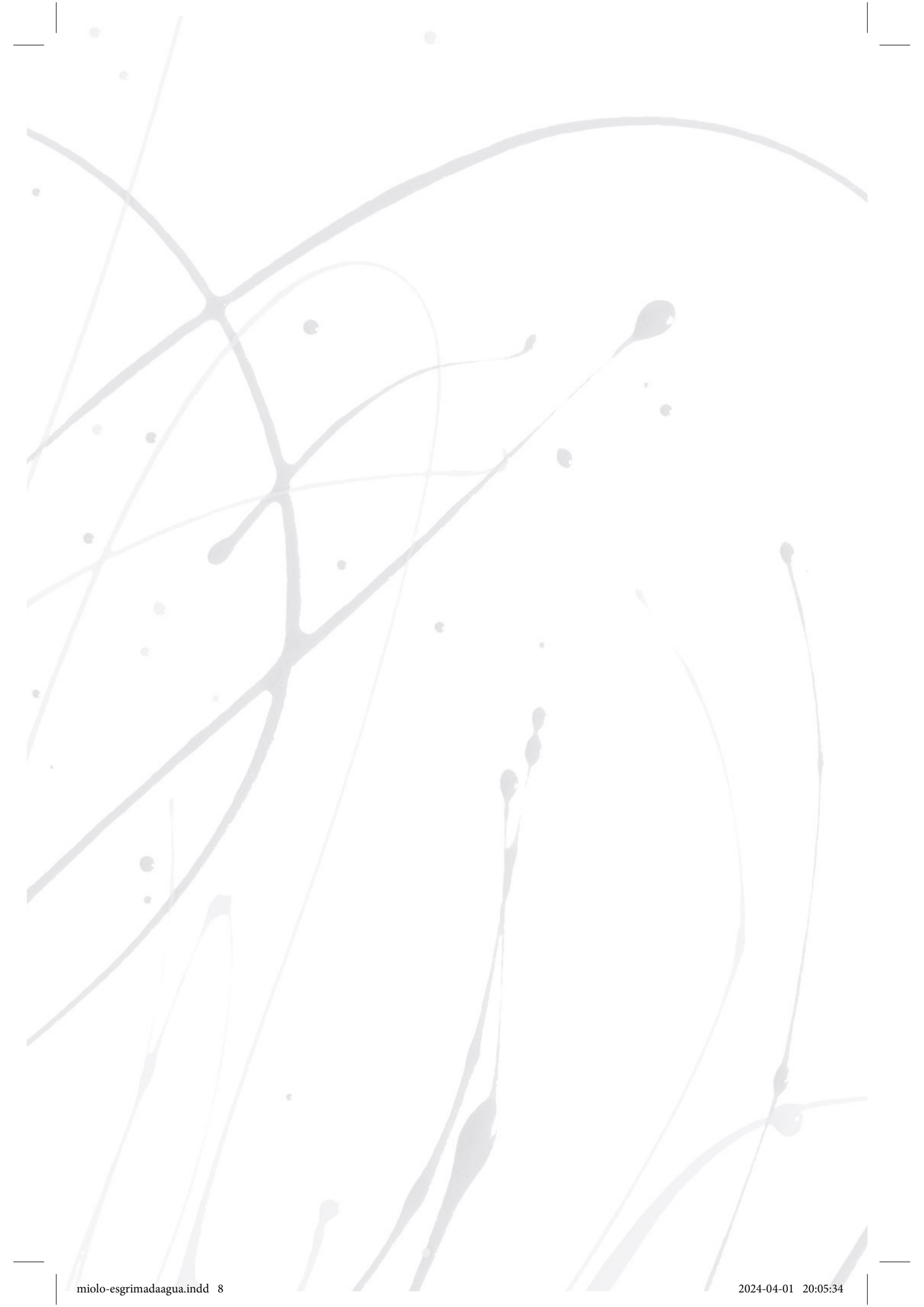


R I T A A L V E S

esgrima
da
água

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024



DENTRO DA PEDRA

Antes fosse um minarete
o cimo das envergaduras

Na constelação do teu dorso
eu vi, muezim dos estilhaços
o mapa de um corpo livre
oferecendo-se ao sacrifício

Eu ofereci garimpo
tu ofereceste as mãos
para a urdidura da pedra

Pedra não é arte
é seixo sem seio
rosto sem face
beijo sem fome
gozo sem nome

mocambo de maresia
fantasia de aragem
mapa sem mina
mina sem miragem

Eu e tu somos nada
senão as esculturas do dentro
rochas polidas

Tu e eu palavras mudas
preto e branco, fina foto
murundu de corais

Eu sem ti, peleja
pão sem vinho
verde sem rosa
da flor espinho

Antes fosse destino
partir sem volta
ir sem caminho

Destino fosse escolha nossa
liberta rocha
a arte do dentro

COLEIRAS

As facas estão afiadas dentro do peito
e cortam grades da recente memória do atentado
num empenho para romper o espaço do claustro

Libertaram entretanto
fatos antigos, duras palavras, desencontros prometidos
engolidos como joias e bebidos asperamente

— Era pedra a presença sob os dedos, areia cortante sob os pés

Manifestantes pedem o fuzilamento do futuro
arrancam com gritos a esperança que resiste ao fim do lastro

Um homem sobe na torre
hasteia o lençol remendado de uma democracia violentada

Senhoras histéricas rodam suas bolsas de marca como laços
sobre a boiada

Eu vejo os vendedores de milho, de cerveja, de cornetas, de
coca, de amanhã
vendem camisas auriverdes, infláveis de super-heróis, sapos
gigantes
depois voltam para as suas camas feitas de papelão e jornal
e despertam antes de sonhar com um país mais justo

Corro os olhos na serpente avenida tentando desviar o corpo
dos robôs alucinados
teclando, teclando, teclando até ejacularem gozos de fel

Dentro das casas, cortam as unhas, lustram as estátuas
geradas no ventre do medo
inquirem a verdade, regateiam acordos, arrancam sem pudor
a roupa da mentira
exposta, debochada, escancarada, de pernas abertas ao
obscuro domínio
riem, espasmam, batem palmas para o Brilhante, usam
coleiras feitas de nióbio

LAVINEG

Ao presidente Lula, pela morte de seu irmão

Lavineg, há algo preso na garganta do tempo
como naquele tempo em que as sombras caminhavam
conosco
Lembras? Tuas sandálias puídas de caminhar sobre as pedras
das escarpas
Eras o mais velho entre nós, o mais experiente em buscar
alimento nas cercanias da miséria
Brincavas pouco a deixar-nos espalhar os ossos dos bichos
como alegorias
Cresceste mais duro e mais depressa que nós, Lavineg, foste o
mais bravo
Não fomos criados para sermos humanos, senão animais
astutos a sobreviver à agreste herdade de espinhaços nos
couros do cangaço
Perdi-me nos dias de retirante a sobejar lonjuras
Foste para mim a rosa dos ventos, a esperada chuva do sertão,
a regar a força para a luta
Caminhei teus passos fisgados pelo coração seco feito
carne de sol
Envelhecemos pois, Lavineg, cada qual ao seu modo, tu o
tempo da idade, eu o tempo da História
Ensinarão nossos pais que a vida é desaviso, canto de
carcará, fuga de asa branca no pouso da manhã

Fui mundo afora, Brasil fundura de imensidão, foste todo o
universo dentro do meu peito
Não pediste permissão para arribar ventania, ganhar
paisagem de despedida
Lavineg, vá, vá, avisa lá em casa que eu me demoro o tempo
da precisão

extrema-direita chega ao poder para dar cabo de sua necropolítica. É preciso lembrar para não repetir, nos diz Benjamim, ou aprender com o passado, no entanto, o anjo de Paul Klee cujos olhos fixam-se a uma série de acontecimentos históricos, enquanto é levado por uma tempestade, mostra que o passado, infelizmente, insiste em se repetir. A poesia está fazendo sua parte, é preciso lê-la e escutá-la com mais frequência.

Rogério A. Tancredo



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em abril de 2024.
